

A crise e sobrevivência de Marx

O sociólogo Leandro Konder passeia pela gênese do marxismo até os dias de hoje para discutir um tema tão em voga: a crise do socialismo, e a caduque e atualidade de algumas praxes da esquerda

A crise do socialismo continua se impondo como tema crucial neste final de século.

Nestes últimos anos, todas as experiências socialistas - por mais diversos que tenham sido seus caminhos - apresentaram graves problemas e tropeçaram em obstáculos imensos.

Na União Soviética, é o próprio secretário-geral do Partido Comunista quem denuncia a gravidade da situação. Na China, diante dos olhos emocionados do mundo inteiro, os tanques avançaram sobre uma multidão de jovens que cantavam a Internacional. Na Romênia, o secretário-geral do Partido foi apeado do poder ditatorial que assumira e fuzilado. Na Hungria, na Polônia, na Tchecoslováquia e na Alemanha Oriental, as massas se insurgiram contra o regime e sufragaram nas urnas os representantes de uma clara opção liberal-capitalista. Na Albânia, os stalinistas se flexibilizam e tentam, desesperadamente, evitar que milhares de cidadãos descontentes se refugiam nas embaixadas estrangeiras.

O balanço é espantoso. Resta um baluarte da preservação do controle da sociedade pelo partido leninista: a Bulgária. Os comunistas búlgaros se submeteram à prova de fogo da eleição e saíram - por enquanto - vitoriosos. É possível que entre os comunistas brasileiros mais angustiados surja uma nova corrente: a dos que adotariam a Bulgária como "farol dos povos". Mas essa opção pelo "caminho búlgaro" corre o risco de ser vista pela sociedade pura e simplesmente como um "caminho da bulgaridade".

Há, também, o caso de Cuba. Não é fácil fazer uma avaliação equilibrada da gravidade das deformações e ao mesmo tempo das conquistas e grandezas da revolução cubana. De qualquer modo, entretanto, diminuiu muito o número dos que pretendem atuar no Brasil inspirados por um "modelo" cubano.

Estamos travando hoje batalhas políticas decisivas nas quais o leninismo não só não nos ajuda como, em alguns casos, nos atrapalha

Na verdade, não há mais "modelos" disponíveis. A explosão da crise destruiu todos os modelos.

Toda explosão desse tipo - sabemos - levanta uma quantidade enorme de poeira. Espíritos prudentes nos aconselhariam a esperar que a poeira baixasse para, então, em face de um quadro mais bem definido, formular diagnósticos e propor remédios. Acontece que esse sábio comportamento, por força das circunstâncias, não pode ser adotado pelos socialistas, porque não lhes é dado o tempo necessário para aguardar que a poeira baixe. As consequências políticas imediatas da crise são muito graves para que os socialistas possam se dar ao luxo de esperar: cabe-lhes juízos que se sabem precipitados, para poderem encaminhar alternativas rápidas e propostas de ação que atendam a uma demanda premente.

Os socialistas sabem - ou deveriam saber - que a crise do socialismo não será resolvida pelos conservadores e reacionários, pelos liberais e adversários do socialismo, em geral. Se são socialistas, é exatamente porque - do ângulo socialista que adotaram - comprometeram-se com o empenho de realizar transformações históricas que colidem com os interesses dos conservadores e reacionários, e se esperam dos outros uma solução para seus próprios problemas é porque deixaram de ser socialistas.

Desde que continuem a ser socialistas, naturalmente procurarão analisar a crise como socialistas, isto é, a partir de uma reflexão crítica tanto sobre as novas condições do combate como sobre a história do socialismo.

Reexaminando seu passado à luz dos impasses do presente, os socialistas são

Se os socialistas esperam dos "outros" uma solução para seus próprios problemas é porque deixaram de ser socialistas

levados a perceber que, desde os primeiros passos, sua trajetória foi pontilhada de crises numerosas e seriíssimas.

A palavra "socialismo" começou a circular nas línguas européias nos anos 30 do século passado, em círculos que de certo modo se sentiam frustrados e amargurados com a onda de repressão ligada às lutas e à derrota da "esquerda" do movimento que fez a Revolução Francesa. O revolucionário Gracchus Babeuf tinha se insurgido contra o retrocesso, tinha adotado posições políticas "radicais" e fora executado. Na esteira do fracasso dessa iniciativa política, a "esquerda" se "despolitizou" e trocou a política pelo sonho: cada "socialista" sonhava com um "modelo" que deveria ser "mostrado" para converter os homens ao "ideal". As condições européias da Restauração Monárquica eram extremamente desanimadoras e cada sonhador defendia seu "modelo" em áspere controvérsia com os demais. O que significa que o "socialismo" já nasceu em crise.

E Karl Marx surgiu como uma enérgica reação a essa crise inicial. Marx encaminhou uma superação da crise através da criação de uma nova filosofia socialista, com uma nova concepção do homem e uma nova concepção da história. Marx trouxe o socialismo do plano do sonho, da utopia, para o plano da política.

No período histórico de Marx, o socialismo se empenhou na assimilação da ciência, na conquista de uma eficiência não romântica. No final do século passado, entretanto, quando Marx já tinha morrido, uma nova crise começou a se manifestar na dinâmica interna do movimento socialista. Os partidos socialistas europeus cresceram, se tornaram os primeiros partidos de massa na história da humanidade, mas precisaram pagar um preço bastante alto pelo crescimento. Max Weber notou que eles se tornaram corporações pesadas, que se apolavam num pequeno exército de funcionários: sofreram um processo de burocratização. E isso foi acompanhado por um certo "ameiamento" na ação reivindicativa, um abandono da perspectiva revolucionária, do compromisso com transformações profundas, em proveito de um "reformismo" agudo.

As correntes situadas mais à "esquerda" denunciaram essa infiltração reformista. E, quando o oportunismo se manifestou mais descaradamente, no

começo da guerra de 1914, Lênin e Rosa Luxemburgo, por caminhos diferentes, realçaram a gravidade da nova crise.

O leninismo, em certo sentido, foi um esforço criativo e eficaz para sair da crise em que o socialismo se encontrava no começo do século. Criou-se a União Soviética, fundaram-se os partidos comunistas, articulados em torno de uma nova organização mundial: a Komintern (Internacional Comunista).

Mas não demorou muito e a solução se transformou em problema: o leninismo conduziu ao stalinismo. Houve resistências, é certo (basta lembrar Trótsky e Bukhárin), mas prevaleceu um esquema truculento e sanguinário, que se apoiou numa burocratização ainda mais grave do que aquela que Max Weber tinha observado na social-democracia do início do século.

Nos anos cinquenta, após a morte de Stálin, Nikita Khrushchov denunciou as aberrações criadas pelo ditador, porém se mostrou incapaz de encaminhar as mudanças necessárias. Foi preciso esperar até os anos oitenta para que a extensão calamitosa das deformações fosse revelada por Gorbachev, falando *ex-cathedra*. Quer dizer, na sua condição de líder do Partido e chefe de Estado. Só então, por meio da *glasnost*, se reconheceu oficialmente que o socialismo estava mergulhado em nova e seriíssima crise.

Gorbachev está tentando encaminhar uma superação da crise na União Soviética através da perestroika. A verdade, contudo, é que a crise atual do socialismo não se reduz à reestruturação do Estado fundado por Lênin: é uma crise mundial e indica que o socialismo chegou ao final de um ciclo histórico iniciado (e caracterizado em grande medida) pelo leninismo.

Estamos travando hoje batalha política decisivas nas quais o leninismo não só não nos ajuda como, em alguns casos, nos atrapalha. Creio que dessa constatação não se deve concluir que Lênin não mereça respeito e admiração: ele ainda tem coisas importantes a nos dizer. No seu todo, entretanto, o legado de Lênin perdeu, há algum tempo, e poder seminal que teve sobre a reflexão revolucionária e não se tem mostrado capaz de fecundar idéias novas.

E aí nos defrontamos com uma pergunta que os nossos interlocutores nos

Nós temos preocupações que Marx não tinha, sabemos que a questão democrática é muito mais rica do que ele supunha

propõem com insistência: e Marx, como é que fica?

Nas condições da atual crise do socialismo, Marx ainda nos proporciona instrumentos teóricos essenciais? Ou, como sugere o meu amigo José Guilherme Merquior, por trás da queda do bigodudo (Stálin) e do barbicha (Lênin), precisamos reconhecer a falência do barbudo (Marx)?

Creio que devemos começar por reconhecer que Marx é um pensador do século XIX e como tal não poderia deixar de ter aspectos "datados" em seu pensamento. Marx não nos fornece subsídios essenciais para enfrentarmos o desafio de pensar - em termos socialistas modernos - os problemas do aprofundamento do nosso compromisso com os valores universais da democracia. Nós, que vivemos uma história que ele não viveu, que vimos coisas que ele não viu, que temos preocupações que ele não tinha, sabemos que a "questão democrática" é muito mais rica do que ele supunha.

Marx não enxergou - nem podia ter enxergado - a significação das questões ecológicas e da preservação do meio ambiente. Para nós, contudo, esse é um campo absolutamente fundamental.

Preocupado com os movimentos coletivos, Marx não se deu conta (nem poderia ter se dado) da importância das questões ligadas à afirmação dos direitos e das liberdades individuais. O extremo reacionarismo dos liberais do seu tempo não lhe facilitou uma abordagem mais resoluta dos temas relativos à dignidade da pessoa humana e à proteção do espaço necessário à afirmação das liberdades culturais e religiosas.

Havia em Marx (era inevitável) certo "eurocentrismo": sua visão do mundo estava muito contrada na experiência cultural européia. E nós, hoje, precisamos aproveitar a riqueza de um quadro de referências que abrange a extraordinária diversidade de valores de diversas culturas e etnias. Os horizontes antropológicos de Marx são estreitos demais para as nossas necessidades, para as exigências do pensamento socialista dos nossos dias.

Num plano mais diretamente teórico-político, também não podemos nos esconder em Marx quando nos empenhamos em pensar, como socialistas, na incorporação à dinâmica da nossa ação do reconhecimento da importância do plu-

ripartidarismo, da alternância no poder e da legitimidade das minorias. Se o Estado não vai desaparecer rapidamente através da criação da sociedade comunista (como esperava Marx), então precisamos inventar meios de promover maior participação efetiva das classes populares na vida do Estado.

Tudo isso é verdade. Esses limites dos horizontes de Marx devem ser francamente reconhecidos. Não podemos ir buscar em Marx uma "doutrina" que nos dê uma segurança psicológica ilusória: Marx não é nenhum "anabolizante" para os atletas do socialismo atravessarem em tempo recorde a tempestade da crise atual.

No entanto, quem lê Marx não deixa de sentir que está diante de uma obra de grande vitalidade, que está longe de ter se exaurido.

O próprio acodamento com que a direita se apressa em declará-lo "carta fora do baralho" indica que o velho Marx não só continua participando do jogo como também continua sendo um grande trunfo nas mãos dos inimigos da direita.

A concepção do homem como um ser que se faz a si mesmo através do trabalho (e que implica a denúncia radical das condições de exploração e aviltamento do trabalho) tem - hoje como ontem - o mérito de repropor permanentemente a discussão teórico-política em torno daquilo que o modo de produção capitalista tem de mais problemático, de mais perverso e de mais inumano: a degradação da atividade pela qual os homens podem levar adiante sua afirmação como homens.

A concepção da história como um processo no qual a dilaceração da comunidade humana, a divisão social do trabalho, a competição em torno da propriedade privada, a exploração e a opressão impedem os seres humanos de aproveitarem a crescente dominação das forças naturais para se tornarem

O capitalismo faz sua tentativa mais radical de reduzir tudo a dinheiro, esvaziando todos os valores humanos que não couberem num esquema de fixação de preços

mais livres é uma concepção que cobra de todos nós uma reflexão mais crítica do caminho percorrido e uma disposição mais enérgica no sentido de superarmos o passado que sobrevive à nossa volta e forjarmos uma história nova, diferente, melhor.

A concepção da ideologia como distorção inevitável do conhecimento decorrente da pressão produzida pelos horizontes particulares das classes, provocando uma confusão constante entre interesses privados e valores universais, é uma concepção que nos incita a desconfiar das "racionalizações". Como disse Merleau-Ponty, Marx nos ensinou a cotejar o "discurso" com a ação; nos ensinou a comparar o que as pessoas dizem com o que elas fazem, para descobrir onde a mentira está pegando carona na verdade (e onde a "isenção" está disfarçando o facciosismo). E esse ensinamento é decisivo não só para o pensamento socialista, mas para as ciências sociais, em geral.

Tudo isso precisa ser levado em conta, precisa ser bem pesado e medido, para não sermos induzidos a fazer besteira e jogar a criança fora junto com a água do banho.

Mas ainda tem mais. Tenho a impressão de que, em certos aspectos, Marx está hoje mais vivo do que nos tempos em que morava em Londres e escrevia "O Capital". De fato, quando ele escreveu que a generalização do sistema de produção para o mercado tinha produzido efeitos relativizadores e quantificadores sobre a existência social em todos os seus níveis e em todas as suas áreas, creio que estava exagerando. O capitalismo ainda não tinha prevalecido tão amplamente, não tinha penetrado tão fundo na vida dos homens. Havia, contudo, algo de profético no exagero.

Agora, mais de um século depois de ter sido feita, a observação se tornou mais verdadeira. Tirando proveito da crise do socialismo e do recuo que se verifica nas experiências socialistas, o capitalismo se expande, passa a realizar a maior ofensiva da sua história. Faz sua tentativa mais radical de reduzir tudo a dinheiro, esvaziando todos os valores humanos que não couberem num esquema de fixação de preços. E nesse hora os temas do velho Marx se impõem, com vigor renovado, à nossa reconsideração.

